



DEIXEM-NOS SONHAR

CASO SALTILLO:
PORTUGAL
E O MÉXICO 86

JOÃO TOMAZ
PEDRO ADÃO E SILVA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVII

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Um país a sonhar	9
------------------	---

PARTE 1 UM CAOS ANUNCIADO

«Deixem-me sonhar»	27
«Campeões do mundo? E porque não?»	34
«Quero ver Portugal na CEE»	38
«Foi confuso? Foi, sim senhora»	40
«O ambiente era de cortar à faca»	43
«Sabíamos lá o que eram direitos de imagem»	48
«Falei com Torres e fiquei a sonhar»	52
«Um homem vencido pelo laboratório»	59
«Eu não sei fazer o nó da gravata»	65
«Um problema de altitudes»	67
«Aqui não há gabinete nenhum»	73
«É um problema de mentalidade»	78
«Dava um ar de modernidade»	81
«Se as coisas não estiverem resolvidas, vou-me embora»	85

PARTE 2 OS SALTILLOS DO MÉXICO

«Bamos lá, cambada»	91
«Nem nos filmes tinha visto uma coisa assim»	96
«Aquilo parecia um campo de concentração»	99
O legado de Alberto del Canto	103
«Eram milhões de baratas»	104
«O Bento na baliza e o fulano a rematar»	105
«Apaixona-se mesmo, aliás casou com ela»	110
«Um imenso conto do vigário»	111

© 2017, João Tomaz,
Pedro Adão e Silva
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Deixem-nos Sonhar* —
Caso Saltillo: Portugal e o México 86
Autores: João Tomaz e Pedro Adão e Silva
Revisão: Inês Hugon
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)
sobre fotografia da LUSA.

1.ª edição: Dezembro de 2017

ISBN: 978-989-671-410-9
Depósito Legal n.º 433830/17

«Asneira da nossa parte não ir lá mais cedo» _ _ _ _ _	113
«Na altura tudo era encantador» _ _ _ _ _	116
«Vamos jogar com os cozinheiros? Melhor, corremos menos» _ _ _	120
«Chegávamos à seleção e era tipo férias» _ _ _ _ _	126
«Portugal, <i>las chicas de Saltillo te apoyan</i> » _ _ _ _ _	127
«Nacional-porreirismo português já está a prejudicar a seleção» _ _ _	132
«O México era um extra para toda a gente» _ _ _ _ _	136
«Decidimos não comparecer ao jogo-treino»_ _ _ _ _	141
«A atitude dos jogadores não passa de uma defesa de regalias profissionais»_ _ _ _ _	145
«Como é possível o que está a acontecer com os portugueses?» _ _ _	149
«O que está em causa é a dignidade moral do jogador de futebol» _ _	154
«Comecei a afixar as notícias nas colunas do hotel»_ _ _ _ _	158
«O Silva Resende tinha mais conversa de padre» _ _ _ _ _	160
«O Chouriço, o Goraz e o Baixinho... e o negociador» _ _ _ _ _	166
«Aquela alcunha do ‘Bom Gigante’ era mesmo verdade»_ _ _ _ _	171
«Coitado, caiu ali com aquelas cobras todas»_ _ _ _ _	177
«Por causa dessas confusões todas, foi o grupo com mais amizade»_ _	179
«O mais velho aliado de Inglaterra» _ _ _ _ _	182
«Jogámos contra 12... os ingleses e a Federação» _ _ _ _ _	185
«A nossa tática visa desorientar as equipas contrárias» _ _ _ _ _	190
«Foi demasiada festa» _ _ _ _ _	192
«Ouve-se o estalo, um barulho impressionante» _ _ _ _ _	194
«Dá cá a braçadeira de capitão e eu assumo» _ _ _ _ _	198
«Diz ao Torres para pôr o Jorge» _ _ _ _ _	201
«Você já se viu livre das muletas» _ _ _ _ _	203
«Se não fosse eu, não levaria nem um tostão» _ _ _ _ _	206
«Então Portugal nunca mais jogou a sério com ninguém?»_ _ _ _ _	211
«Polónia lidera o grupo dos cobardes»_ _ _ _ _	214
«Mas qual arma secreta? O que eu quero é jogar de início!» _ _ _ _	218
«O caminho para a fama ou a volta a Lisboa»_ _ _ _ _	221
«Não me importo se empatarmos com golos e se formos nós a marcar primeiro» _ _ _ _ _	224
«Afinal, que viemos cá fazer?» _ _ _ _ _	226
«O Torres pôs-me uma toalha na cabeça para não falar mais» _ _ _ _	230
«Quando todos abrirem o livro, vai ser bonito!» _ _ _ _ _	232

PARTE 3 OS SALTILLOS DE LISBOA

«A mão de Deus» _ _ _ _ _	249
«Não aconteceu nada de especial» _ _ _ _ _	265
«Nós éramos os manequins de montra» _ _ _ _ _	267
«Ninguém estava preparado para aquilo» _ _ _ _ _	271
«Era para amanhã, era para a semana, era para depois» _ _ _ _ _	273
«Aquilo andava tudo ao deus-dará, era só nacional-porreirismo» _ _ _	276
«Era uma questão de brio e dignidade» _ _ _ _ _	279
«O que é que lá fora estão a pensar de nós?» _ _ _ _ _	282
«Só conheci o Octávio Pato, tinha sido jogador do Benfica» _ _ _ _	285
«Foi uma forma de branquear as responsabilidades da Federação» _ _	289
«Saltillos de Lisboa»_ _ _ _ _	292
«Fui tão cabecilha como todos os outros» _ _ _ _ _	293
«Um pesado manto de silêncio abate-se sobre a verdade» _ _ _ _ _	300
«Não existem penas perpétuas em Portugal»_ _ _ _ _	301
«Falece a qualidade jurídica do inquiridor»_ _ _ _ _	307
«Ruy Seabra não tem habilitações, nem <i>curriculum</i> »_ _ _ _ _	311
«O importante foi afastar o grupo de amotinados que enxovalhou o país» _ _ _ _ _	315
«Muita discussão e nenhuma decisão»_ _ _ _ _	321
«O convite não foi um fenómeno das Páginas Amarelas» _ _ _ _ _	326
«O presente inquerito não deverá sair da sede onde até hoje tem permanecido» _ _ _ _ _	328

EPÍLOGO

Do pontapé de Carlos Manuel ao remate de Éder _ _ _ _ _	337
Cronologia_ _ _ _ _	343
Referências bibliográficas_ _ _ _ _	347
Agradecimentos _ _ _ _ _	349

INTRODUÇÃO

UM PAÍS A SONHAR

«Creio que mais do que nunca, neste Mundial, os dirigentes da FIFA enfrentaram uma nova situação. Os jogadores começaram a tomar consciência de que não são só músculos, mas seres pensantes e atuantes.»

JORGE VALDANO, *Unomásuno*, junho de 1986

«Futebol é um investimento alto. Rola muita grana e os dirigentes fazem qualquer coisa para vencer. Valem o poder económico e o político. Aliás, falei isto na Copa do Mundo do México.»

SÓCRATES, *Placar*, 16 de novembro de 1986

«Queremos apenas alertar os futebolistas: os vindouros saberão aquilatar do passo que demos em plena consciência de classe. Unidos como estamos aqui, perante uma Federação que vai ter de explicar porque é que isto aconteceu.»

DIAMANTINO MIRANDA, *Diário de Lisboa*, 16 de junho de 1986

«Deixem-me sonhar», pediu José Torres, na véspera de um jogo decisivo com a República Federal Alemã. A frase ecoa até aos nossos dias e é uma memória do futebol português, e, mais do que isso, um retrato de uma sociedade em transição, em meados da década de 1980. O que estava em causa, muitos se recordarão, era uma improvável qualificação da seleção das Quinas para a fase final do Mundial de Futebol, o México 86. Hoje, três décadas decorridas, podemos bem ler naquelas palavras do «Bom Gigante» uma metáfora do país. Tinham passado pouco mais de dez anos desde o 25 de Abril e Portugal era, finalmente, devolvido à Europa. O país sonhava: os portugueses libertavam-se de um passado de pobreza e fechamento para, de novo, viverem o presente com otimismo. A sociedade democratizava-se, modernizava-se e começavam a cumprir-se as expectativas de desenvolvimento social, prometidas com a Revolução. Só que, em 1986, o novo e o europeu coexistiam com traços persistentes do passado. Na sociedade, na política e, por arrasto, também no futebol.

1986 não foi um ano qualquer para Portugal. Ultrapassada a primeira metade da década, o país fervilhava. Politicamente, o ano tinha-se iniciado com uma campanha eleitoral que dividiu a sociedade. Numa inédita segunda volta para as presidenciais, de um lado, Mário Soares, figura tutelar da oposição democrática ao Estado Novo, pai fundador da democracia portuguesa e europeísta convicto; de outro, Freitas do Amaral, líder histórico do

CDS, professor de Direito e figura cimeira da direita democrática. Se Freitas do Amaral, enquanto procurava reabilitar o passado social do país, queria levar «Prá Frente Portugal», criando uma onda que percorreu o país, pintada a sobretudos verdes (os famosos *Loden*), a maioria dos eleitores não resistiria ao «Soares é fixe». O até então impensável acontecia: a esquerda, desde o 25 de Abril marcada por clivagens internas, superava as divisões da primeira volta e Mário Soares juntava os votos de Salgado Zenha e Maria de Lurdes Pintasilgo para, pela primeira vez, traduzir politicamente uma maioria social.

Esta campanha presidencial tinha decorrido num contexto radicalmente novo. Desde 1 de janeiro de 1986, fazíamos parte do mercado comum. Já com Cavaco Silva ao leme como primeiro-ministro, Portugal via-se na CEE, cumprindo um desígnio da democracia e contrariando décadas de fechamento. Se a política mudava, a economia e a sociedade acompanhavam o ritmo.

A respirar depois de um segundo resgate do FMI num curto espaço de tempo, a economia portuguesa ganhou músculo e os padrões de consumo alteraram-se. Poucos meses antes do início do ano, tinha sido inaugurado o Centro Comercial das Amoreiras. Não era só a arquitetura arrojada de Tomás Taveira que provocava, com as torres das Amoreiras chegava também um país moderno que, alavancado nos fundos comunitários, consumia à imagem dos seus parceiros europeus e passava a ter um ícone em Lisboa. Ainda faltariam alguns, poucos, anos para a febre da bolsa que levou muitos a comprarem «gato por lebre», mas Portugal redescobria-se economicamente e ia surgindo uma nova classe média que comprava televisores a cores e videogravadores, vestia os filhos na Cenoura, sonhava com carro novo em compras em grupo, férias em casa alugada em Vilamoura e que passava a ter no multibanco um instrumento para materializar todas as

ambições. Não se pense, contudo, que o velho país, marcado a pobreza, se tinha eclipsado. O Portugal das Amoreiras emergia, mas, ao mesmo tempo, a cintura industrial de Lisboa, de Setúbal e o do Vale do Ave estava em depressão, persistiam centenas de milhares de pessoas a viver em bairros de lata nas periferias e nas áreas metropolitanas; a taxa de analfabetismo era de 18,1 por cento (em 1981); o salário mínimo não ultrapassava os 22500 escudos (112,20 euros), enquanto o médio era apenas de 178,40 euros; a inflação continuava elevada (12,6 por cento) e a taxa de juro (Lisbor 3M) aproximava-se dos 20 por cento.

Este choque entre dois países era particularmente notório nas práticas culturais. De forma marginal, Lisboa começava a ter a sua *movida*. No Bairro Alto, entre o Frágil e os Três Pastorinhos, a cultura alternativa encontrava os seus espaços de celebração, e toda a excentricidade era admitida. A cena artística revelava uma modernidade inédita, num momento em que a cultura se emancipava da política e a cidade dava sinais, pela mão do entretanto desaparecido António Variações, de querer ser, de facto, um cruzamento singular «entre Nova Iorque e a Sé de Braga». A música servia, de novo, para ser dançada, a arte lançava um olhar provocador sobre a sociedade, e a juventude sónica mimetizava a estética *punk* do CBGB de Manhattan no Rock Rendez Vous, e, na Loja da Atalaia, pela mão de Manuel Reis, os móveis podiam, a partir do passado, lançar um olhar para o futuro. Mas, quando a noite acabava, o Bairro Alto voltava a ser espaço de redações de jornais e recuperava a sua inclinação popular.

Foi ainda em 1986 que a burguesia, de novo ascendente, passou a ter um meio para retratar o seu estilo de vida e para se celebrar a si própria. A revista *Olá*, encarte do jornal *Semanário*, nascida de uma ideia de Marcelo Rebelo de Sousa, lançava o seu primeiro número, fotografando o regresso das famílias tradicionais, agora, muitas vezes, lado a lado com o novo dinheiro. Nas

palavras certeiras de Joana Stichini Vilela em *LX 80 — Lisboa Entra numa Nova Era*, a propósito da capital do país nos anos 80, «tudo parece possível. E tudo está por fazer. (...) esta cápsula do tempo revela-nos uma década movida a sonhos, sejam eles entrar no Frágil, na Bolsa ou na CEE».

O futebol português era, ele próprio, um espelho deste país entre tempos cruzados, onde todos os sonhos eram possíveis. O pitoresco e as marcas sociais do passado coexistiam com uma ambição de modernidade, que se revelava frágil, por ter poucos alicerces onde assentar. O ritmo da mudança produzia choques entre passado e futuro no mundo do futebol, à imagem do que acontecia na sociedade, na economia e na política portuguesas.

—

Quando José Torres apelou para que lhe concedessem o direito a sonhar, a qualificação para o Mundial do México assemelhava-se em tudo aos percursos a que Portugal estava habituado. Uma vez mais, a presença da seleção das Quinas na fase final de uma competição internacional dependia de uma combinação improvável de resultados na última jornada da fase de apuramento. Uma vez mais, deixávamos tudo para o fim: desta feita, era preciso que a Suécia saísse derrotada na Checoslováquia e, ainda mais improvável, que Portugal arrancasse uma vitória na deslocação à Alemanha.

Contra todas as expectativas, no dia 16 de outubro de 1985, o sonho do «Bom Gigante» concretizou-se. Em Estugarda, frente à RFA, após uma perda de bola de Pierre Littbarski no meio-campo defensivo português, Jaime Pacheco deixa a bola em Carlos Manuel, que, numa passada rápida, ao longo de cerca de 50 metros, a partir da lateral esquerda, a conduz com a parte exterior do pé, contorna um adversário e remata com uma potência inusitada ao canto superior esquerdo da baliza de Harald

Schumacher. A confiança no sucesso da seleção era tanta que o comentador da RTP, enquanto relata o lance, diz «remate ao lad... Golo!», para logo depois corrigir, «um golo fabuloso de Carlos Manuel... Sem mais comentários, isto é só para ver».

E vale a pena rever o golo, bem como a celebração de Carlos Manuel. A «locomotiva do Barreiro», assim era conhecido o centro-campista do Benfica, parece correr sem destino, em semicírculos, em fuga aos seus colegas. Na sua expressão nota-se uma euforia indisfarçável, que surpreende o próprio. Aparentemente ninguém — talvez nem mesmo os jogadores — acreditava com convicção naquela possibilidade. Curiosamente, enquanto a equipa recupera a compostura, logo após os festejos, um confiante Fernando Gomes caminha isolado e, com os punhos, faz um gesto de celebração, tão contido como otimista.

Decorria o 54.º minuto e o México ficava, por momentos, à vista. As câmaras da RTP fixavam dois dos protagonistas do que viria a ocorrer em Saltillo. Seguir-se-ia um demorado calvário, feito de bolas ao poste e com a defesa portuguesa entrincheirada em redor da baliza de um outro gigante, também personagem fundamental nesta história: o capitão de equipa, Manuel Galrinho Bento. Através da televisão, com uns poucos emigrantes no estádio, milhões de portugueses viveram aquela meia hora suspensos e incrédulos. O sonho impossível poderia mesmo concretizar-se. No fim do jogo, a ilusão de Torres tornava-se realidade e, no verão seguinte, Portugal estaria, 20 anos decorridos e apenas pela segunda vez na sua história, de volta a um Mundial de futebol.

Mas se o sonho se materializava sob a forma de um petardo de Carlos Manuel, começaria a desmoronar-se daí a alguns meses, em Saltillo, já no México. O futebol português reencontrava-se consigo próprio. E o sonho, esse, afinal, não se cumpriria. Em troca, o país assistiria, de novo incrédulo, à desorganização,

PARTE 1
UM CAOS ANUNCIADO

«DEIXEM-ME SONHAR»

Quando, ainda antes de meio-campo, Jaime Pacheco se intrometeu numa tabelinha entre Pierre Littbarski e Norbert Meier, portugueses e alemães estariam longe de imaginar o desfecho da jogada iniciada pelo então centro-campista leonino. Com apenas um toque na bola, Jaime Pacheco susteve mais uma das inúmeras investidas germânicas e lançou Carlos Manuel, solto na esquerda, para o lance que o definiu como jogador.

Rápido, tecnicista, fisicamente poderoso e detentor de pulmões «inesgotáveis», o médio benfiquista, por volta dos 54 minutos, progrediu com a bola controlada, esgueirando-se aos defesas contrários e fletindo para o centro. Gomes, pela direita, e Mário Jorge, no lado oposto, ofereceram linhas de passe à «locomotiva do Barreiro», que optou por driblar na passada Meier, ficando, a cerca de 25 metros da baliza, somente com o defesa Matthias Herget e o mítico guarda-redes Schumacher pela frente. Contrariando o fado do futebol português, Carlos Manuel rematou com potência e colocação ao ângulo superior direito da baliza, deixando o guardião alemão pregado à relva, incapaz de travar um dos mais célebres remates de um português ao serviço da sua seleção.

Numa equipa marcadamente de tração atrás, formada por cinco defesas e dois médios de características defensivas, Carlos Manuel deu, naquele lance, os metros que se dizia faltarem, no ataque, ao futebol português. Aquela noite em Estugarda ficaria

na memória como uma jornada épica de sofrimento e entrega, em que os alemães, finalistas do Campeonato do Mundo meses depois e, à data, invencíveis em todas as fases de apuramento da competição, encontraram, na aguerrida defesa portuguesa e num inspirado Bento, adversários intransponíveis — mas que beneficiou, também, de uma incomum falta de pontaria germânica (a Alemanha obtivera 22 tentos nas sete partidas anteriores). «Carlão», o autor do golo solitário português, resume a partida: «Chegámos à Alemanha com enorme pressão, correu-nos bem, tivemos muita sorte, levámos um massacre, as bolas batiam nos postes e no Bento e ganhámos 1-0», reconhecendo que a equipa portuguesa foi afortunada naquela noite fria de outono em Estugarda.

José Torres, seleccionador português, pedira que o deixassem sonhar antes da partida para a Alemanha. A manifestação pública do seu desejo foi recebida com alguma bonomia. Para além de uma improvável vitória em Estugarda e da crítica generalizada ao desempenho da seleção frente a Malta, na jornada anterior (com uma vitória sofrida por 3-2 no Estádio da Luz), Portugal necessitava ainda que a Checoslováquia, já afastada do Mundial, batesse a Suécia — que se encontrava a um ponto, mas tinha por efetuar uma deslocação a Malta (que conseguira somente um empate em toda a fase de qualificação).

Vivia-se ainda uma época em que jogos decisivos nem sempre eram realizados em simultâneo. O Checoslováquia-Suécia disputava-se no mesmo dia, mas horas antes, do RFA-Portugal. Daí que, na Alemanha, quando os jogadores portugueses entraram no autocarro em direção ao estádio, a outra partida que interessava às ambições lusas já se tivesse iniciado, e a Suécia ia vencendo por 0-1. Um resultado que colocava Portugal fora do Mundial. No entanto, quando os jogadores portugueses, chegados ao Neckarstadion, se preparavam para o embate, foi recebida a notícia da derrota sueca, por 2-1, em Praga.



A surpreendente reviravolta da Checoslováquia reacendia as ténues esperanças portuguesas em marcar presença no México, apesar de o percurso periclitante na fase de qualificação e a dificuldade do jogo prestes a iniciar-se representarem sérios obstáculos ao otimismo lusitano.

Ribeiro Cristóvão, presente na Alemanha ao serviço da Rádio Renascença, recorda-se da «longa viagem até ao estádio desanimadíssimos» e de como, à chegada, ao receberem a notícia do desaire dos suecos em Praga, «nasceu uma alma nova. Estava tudo nas nossas mãos». Fresco na memória do jornalista português está também o desalento de um colega sueco, que «atirou com os auscultadores fora quando Portugal marcou o golo», assim como o desespero sentido quando «Fernando Tenreiro, do *Diário Popular*, teve um ataque cardíaco», desabafando que «se não estivéssemos na Alemanha, ele tinha morrido. Levaram-no logo para os gabinetes médicos do estádio. Mas ficou lá ainda

PARTE 2
OS SALTILLOS DO MÉXICO

«BAMOS LÁ, CAMBADA»

Até ao início da década de 1980, o panorama humorístico português era uma combinação de cinzentismo com um estilo herdado da revista, inadequado aos novos tempos, em que a televisão começava a imperar. Entre avós, filhos e netos havia um fosso gigantesco na relação com a ironia e o humor. Também a este propósito coexistiam dois países: um nostálgico do cinema português da década de 50, que teve no *Pátio das Cantigas* e na *Canção de Lisboa* exemplos maiores; e outro que começava a descobrir no humor britânico de Benny Hill, primeiro, e dos Monty Python, depois, assim como no que chegava do Brasil, com Jô Soares, uma modernidade até então desconhecida. Herman José, primeiro com Nicolau Breyner — com a rábula Sr. Feliz e Sr. Contento — e mais tarde em nome próprio, nas tardes televisivas conduzidas por Júlio Isidro e com o *Tal Canal* e o *Hermanias*, irrompeu na sociedade portuguesa, juntando gerações em torno de um humor sofisticado, moderno e popular. Em Portugal, a década de 1980 foi marcada pela criatividade e a ironia certa das personagens criadas por Herman José.

Entre estas, destacou-se José Esteves, um homem do norte com «substrato», comentador futebolístico sem papas na língua, sotaque carregado e sempre acompanhado pela sua «pomada». O *Esteves* era uma presença próxima nos lares portugueses e uma das personagens mais conhecidas e marcantes das que o humorista Herman José interpretou. Muitas foram as suas expressões

que passaram a fazer parte do léxico português, mas o tema de apoio aos *Infantes*, com letra de António Tavares Telles, composto por Carlos Paião, o músico popular falecido passados dois anos, talvez seja o que mais se eternizou na nossa memória coletiva.

Para *Estebes*, o futebol era simples e ele próprio dava a tática aos jogadores, conforme se pode constatar na letra da famosa canção: «Bola redonda e onze jogadores para a frente, sem temores que as táticas dou eu, tragam as gaitas, as bandeiras e a pomada, vamos dar-lhes uma abada, ensinar-lhes o que é bom.» O refrão resumia na perfeição o que os jogadores teriam de fazer para saírem vitoriosos: «Bamos lá, cambada, todos à molhada, que isto é futebol total; Deixem-se de tretas, força nas canetas, que o maior é Portugal.» E prosseguia, convicto de que desta forma Portugal só poderia triunfar: «É atacar agora e defender para fora, eles são toscos e nem dão para aquecer, suar a camisola e até jogar sem bola, e disfarçar para o árbitro não ver.» Porque, como bem relembra o *Estebes*, «os portugueses já provaram muitas vezes saber ser uns bons fregueses das grandes ocasiões, nesta jornada nem que seja à pantufada, nós estaremos na bancada muito mais de dez milhões».

Simple e eficaz, pelo menos no papel. O que talvez não se imaginasse é que o título da canção não só se adequaria ao espírito com que os *Infantes* abordariam o Mundial, mas seria, também, um prenúncio da viagem até Saltillo. Poderia bem dizer-se, em termos figurados, que era «uma cambada, todos à molhada», embora o «heroica e lusitana gente, vamos em frente convictamente» não encontrasse paralelo no percurso a que a comitiva portuguesa foi sujeita.

De Lisboa, a 9 de maio, a seleção sobrevoou meia Europa até Frankfurt, na Alemanha, onde pernitoou. No dia seguinte, descolaria de solo germânico até Dallas, a cidade texana que deu nome a uma das séries de televisão norte-americanas mais popu-

lares nos anos 80, altura em que as desventuras de J.R. e Bobby Ewing e da espampanante Pamela Barnes deixavam famílias inteiras suspensas em frente ao televisor. O destino seguinte seria a Cidade do México, também pelo ar, de onde, finalmente, a seleção aterraria em Monterrey. Até Saltillo, distavam ainda cerca de 90 quilómetros por estrada.

Carlos Manuel classifica a viagem como um «horror à volta do mundo» e Diamantino recorda-se do longo percurso, mas assume que os jogadores queriam «era ir para o México» e prefere realçar que «foi uma viagem engraçada, vivida num ambiente espetacular. Lembro-me, por exemplo, das horas que estivemos em Dallas no aeroporto à espera do *transfer*, que foi uma coisa engraçadíssima. Toda a viagem foi com um espírito espetacular, sempre na brincadeira». O antigo extremo direito da seleção e do Benfica, contudo, não deixa de frisar que a duração da viagem não se coadunava com a preparação de uma equipa de futebol («não que nos importássemos muito») e que «houve jornalistas que foram de Lisboa-Madrid, Madrid-Cidade do México», não sabendo, no entanto, justificar a decisão da FPF. Questionado acerca de um boato que circulou então sobre um hipotético favorecimento da FPF (ou alguém na FPF) à agência de viagens responsável pela organização da viagem, recorda-se da existência do mesmo, mas assume-se incapaz de atestar a veracidade dessa acusação, à semelhança de vários dos inquiridos acerca deste tema.

O enviado especial de *A Bola*, Vítor Serpa, refere que «o que se dizia na altura e não se escrevia é que havia uma relação direta de um elemento de grande responsabilidade na direção da Federação com uma pessoa que trabalhava na Cruzeiro, que era na época a agência da Federação, e que terá determinado essa viagem mais longa. Não se percebe muito bem que uma seleção que vá para o México faça essas escalas todas. Nós, por exemplo, fomos muito



© LUSA



© LUSA



© LUSA

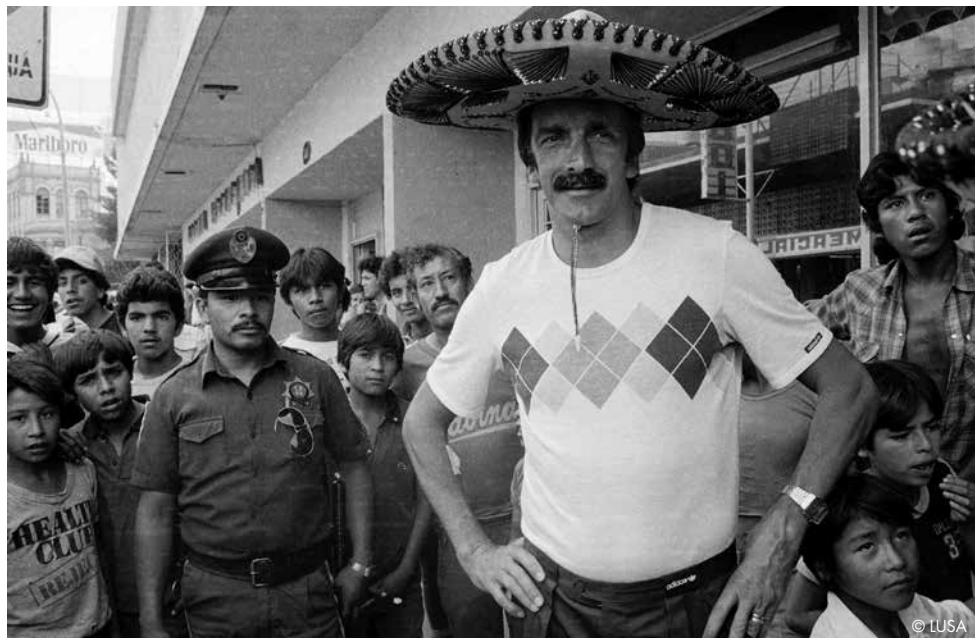
Gomes com Saltillo mesmo ao lado.

Fute e os encantos do México.

A piscina do motel La Torre era o único local onde a equipa portuguesa podia reunir.



© LUSA

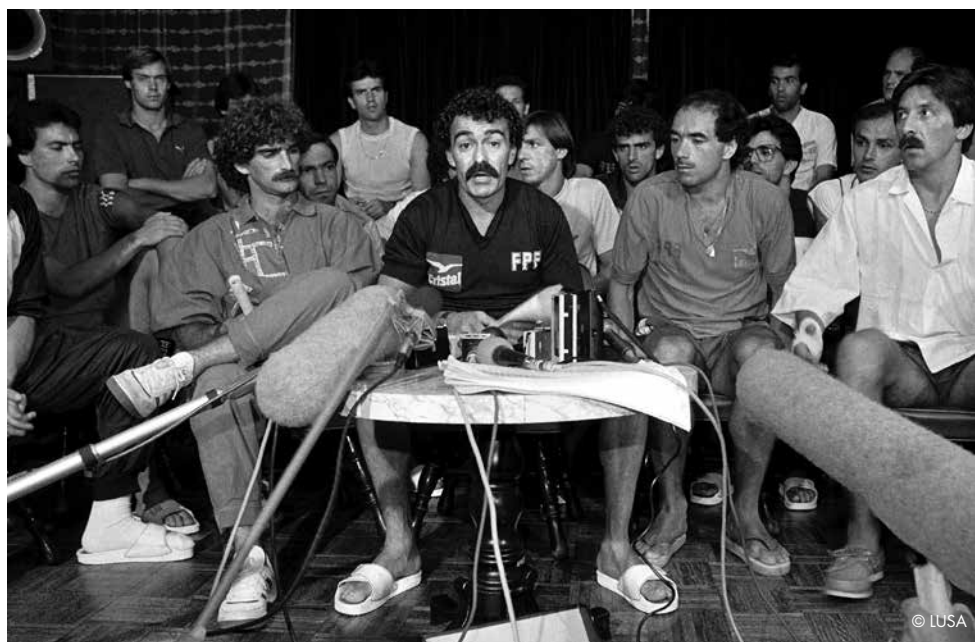


© LUSA



© LUSA

As chicas de Saltillo tiram fotografias com os Infantes. Jogadores e equipa técnica às compras em Saltillo.



© LUSA

O «Bom Gigante». O capitão Bento lê o comunicado dos jogadores exigindo negociações com a FPF.

PARTE 3
OS SALTILLOS DE LISBOA

«A MÃO DE DEUS»

Ao analisar retrospectivamente a história dos mundiais de futebol, ressaltam feitos individuais, proezas das equipas e pormenores que distinguiram cada edição da competição. Os resultados são secundarizados na memória coletiva, em detrimento do que leva os adeptos de futebol a manterem a chama da sua paixão pelo jogo acesa.

Mesmo entre os seguidores mais atentos, à exceção dos diretamente interessados, é comum notar-se incapacidade para reterem informação estatística, incluindo resultados e até participantes de fases avançadas da competição, relegando estes para meros detalhes burocráticos, embora essenciais para o apuramento do campeão. A história de Pelé nos mundiais conta-se a partir do seu lance mais famoso, aquele em que, em corrida e sem tocar na bola, ludibriou o guarda-redes contrário, torneando-o e deixando-o prostrado devido à sua incapacidade para antecipar a genialidade do brasileiro (1970, Brasil – Uruguai). Note-se que a jogada nem sequer deu em golo. Em 1982, em Espanha, o triunfo coube aos italianos, mas foi a seleção brasileira, comandada por Telê Santana e com Zico, Sócrates, Falcão, Éder, Cerezo e Júnior simultaneamente em campo, pela qualidade do futebol apresentado, que ficou para sempre na memória. Portugal atingiu o terceiro lugar em 1966, porém foi o póquer de Eusébio, nos quartos-de-final ante a Coreia do Norte, em que os *Magriços* deram a volta ao resultado, depois de se verem a perder por 3-0 aos

EPÍLOGO

DO PONTAPÉ DE CARLOS MANUEL AO REMATE DE ÉDER

Há um longo caminho que une o pontapé de Carlos Manuel em Estugarda, em 1985, ao remate de Éder em Paris, em 2016. Com três décadas de distância, as duas vitórias da seleção portuguesa aparentam estar unidas pela improbabilidade. Dois remates portentosos, mas — é sugerido — ambos fortuitos. Não é assim. Se o acaso e o muito talento individual ajudam a explicar a qualificação para o Mundial de 86, as conquistas posteriores da seleção portuguesa, seja nas camadas jovens, seja nos seniores, são resultado da modernização das estruturas dirigentes e devem muito à geração que, no México, através de uma rebelião marcada pelo caos, ajudou a mudar a face do futebol português.

Os eventos de Saltillo, os seus antecedentes e o que veio a suceder já em Lisboa, após o Mundial, podem ser lidos como um 25 de Abril do futebol português. Uma transição modernizadora, repleta de tensões e contradições, que seria desencadeada por um conjunto de reivindicações de natureza laboral. Da mesma forma que, antes de 1974, a sociedade portuguesa se modernizava e abria, sem que este ritmo de transformação fosse acompanhado na esfera política, no futebol, um modelo de gestão anquilosado e amador, herdeiro do Estado Novo, chocava de frente com uma realidade mais aberta, que movimentava mais recursos financeiros e que era protagonizada por uma nova geração de jogadores de espírito democrático. Os episódios rocambolescos e uma estadia mal planeada no México foram, apenas, detonadores

CRONOLOGIA

1985

- 01/02 São emitidos os primeiros cartões de débito bancário;
- 12/06 O primeiro-ministro Mário Soares assina o Tratado de Adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), em cerimónia no Mosteiro dos Jerónimos;
- 27/09 Inauguração do Centro Comercial das Amoreiras, em Lisboa;
- 06/10 O PSD é o partido mais votado nas eleições legislativas e Cavaco Silva é eleito primeiro-ministro;
- 16/10 RFA 0-1 Portugal (apuramento para o Mundial);
- 01/01 Portugal adere à CEE.

1986

- 22/01 Portugal - Finlândia (jogo de preparação em Leiria); Reunião entre António Pimenta (da FPF) e Bento, Damas e Gomes (representantes dos jogadores);
- 26/01 Primeira volta das eleições presidenciais. Freitas do Amaral é o candidato mais votado (46,3%), passando à segunda volta com Mário Soares (25,4%), que supera Salgado Zenha (20,8%) e Maria de Lurdes Pintasilgo (7,38%);
- 05/02 Portugal - Luxemburgo (jogo de preparação em Portimão). Reunião entre António Pimenta e António Malva, da FPF, e os jogadores;
- 13/2 Reunião do Gabinete Técnico da FPF sobre os pedidos dos jogadores (decidiu-se que António Pimenta deixaria de acompanhar a seleção). Direção da FPF alega desconhecer a realização da reunião;
- 16/02 Mário Soares é eleito presidente da República com 51,2% dos votos, superando Freitas do Amaral (48,8%);

AGRADECIMENTOS

Este livro é sobre os heróis da nossa juventude. Tem, por isso, uma longa história: começou a ser escrito há mais de 30 anos, em tardes passadas a sonhar com jogos de futebol que não eram transmitidos na televisão e a percorrer cadernetas de cromos. Para quem, em Portugal, viveu a infância e adolescência com o futebol no centro de tudo, o Mundial do México permanece um marco emocional e um mistério. Procurámos regressar a esse marco emocional e compreender esse mistério. A vontade de escrever o livro nasceu de uma conversa, já há uns anos, com o Diamantino. Ficou a certeza de que havia uma história para contar para além dos episódios rocambolescos associados à participação dos *Infantes* no México 86. Nos últimos dois anos, passámos grande parte do nosso tempo imersos em Saltillo e quase nos sentimos a recuar no tempo, até um Portugal que parece, hoje, muito distante.

Sem a colaboração de muitas pessoas, este exercício não teria sido possível e, acima de tudo, não seria tão revelador. À cabeça, todos aqueles que estiveram no motel La Torre, que viveram os acontecimentos e com quem tivemos longas conversas. Os jogadores, que falaram connosco demoradamente, relatando as suas experiências. O melhor do que se lê por aqui resulta daquilo que nos contaram. Foi um enorme prazer e uma honra podermos conversar com os nossos heróis: o Carlos Manuel, o Diamantino, o Fernando Gomes, o Jaime Pacheco, o Rui Águas e o Veloso.

Da equipa técnica que esteve em França, no Europeu, falámos com o sempre disponível Toni, e da que esteve no México, ouvimos e beneficiámos da memória rigorosa de David Monge da Silva. Ao então cozinheiro da seleção, Evaristo Cardoso, devemos uma bela conversa, acompanhada de um grande almoço no seu Solar dos Presuntos. Os jornalistas que na altura acompanharam a seleção foram também de uma grande amabilidade e ofereceram-nos olhares lúcidos sobre aquele período. Estamos agradecidos ao António Ribeiro Cristóvão, ao David Borges, ao José Carlos Freitas e ao Vítor Serpa. O Carlos Sarmento Matos não só conversou connosco, como revelou um enorme entusiasmo com o projeto, ao ponto de nos disponibilizar os seus preciosos arquivos sobre a seleção portuguesa. Sem ele, porventura, não teríamos percebido o alcance de Saltillo nas transformações subsequentes do futebol português. Joaquim Oliveira teve um par de conversas francas connosco e o Rui Oliveira e Costa ajudou a deslindar um mistério político. Jaime Dória Cortesão, afável e disponível, ofereceu-nos uma nova perspetiva do inquérito promovido pela Federação Portuguesa de Futebol. Infelizmente, um dos protagonistas da história que aqui se conta deixou-nos entretanto: não esquecemos o almoço, que se prolongou por uma tarde inteira, no Montijo, com Amândio de Carvalho. Esperamos que este livro faça justiça ao seu olhar e que reflita a mesma paixão que ele tinha pelo futebol.

O Francisco Bordalo, o Manolo Bello e o João Malheiro foram importantes para contactar alguns dos protagonistas. Na FPF, o Francisco Trigo de Abreu facultou-nos alguma informação. O Eurico Garrido foi de uma enorme generosidade e abriu-nos a porta para um outro ausente, mas que está muito presente nestas páginas, o insubstituível Manuel Bento — que também nos foi recordado pelo seu filho, Rogério Bento. O Francisco Araújo ajudou-nos na pesquisa e a Raquel Vaz-Pinto, o Fernando

Arrobas, o João Constâncio, o João Gonçalves, o Nuno Amado e o Pedro Marques Lopes leram e fizeram comentários a versões anteriores deste livro que nos foram muito úteis.

O livro beneficiou do acesso a vários arquivos. Estamos agradecidos à RTP pelo acesso aos seus arquivos, em particular a Fátima Ribeiro. No *Record*, agradecemos à direção do jornal, ao António Magalhães, ao Bernardo Ribeiro e ao Nuno Farinha, assim como à Ana Valente; no Centro de Documentação e Informação do Sport Lisboa e Benfica, à Rita Costa e ao Fernando Gavancha; e também à Fundação Mário Soares, por ter desenvolvido o projeto «Casa Comum», que disponibiliza *online*, para consulta, inúmeros documentos e publicações, incluindo todas as edições do extinto *Diário de Lisboa*. No *Expresso*, a Ana Bela Vieira facilitou-nos muito o trabalho.

O Pedro agradece ao seu pai a compreensão que sempre demonstrou perante esta paixão insondável pelo futebol e à sua mãe o apoio incondicional que lhe permitiu, em todos os momentos, escolher fazer aquilo de que gosta. Sem a inspiração quotidiana e a tolerância, mais uma vez, infundável da Maria Leonor, do Vicente e da Sandra, este livro não existiria. O João agradece aos seus pais, sem os quais tudo seria mais difícil e menos recompensador, e à Elsje, por iluminar a sua vida e ser uma mulher extraordinária, inteligente, entusiasta e inspiradora, além de o apoiar sempre incondicionalmente.

Esperamos sinceramente que, ao lerem esta história, tenham o mesmo prazer que nós tivemos enquanto descobríamos aqueles dias mexicanos.

DEIXEM-NOS SONHAR

*foi composto em caracteres Hoefler Text e Futura,
e impresso na Guide, Artes Gráficas, sobre
papel Coral Book de 80 g, no mês
de Novembro de 2017.*